ESTADÃO

Por que o presidente lida mal com a imprensa

Bolsonaro acredita que celulares livrarão a humanidade da moléstia chamada jornalismo

Eugênio Bucci, jornalista e professor da ECA-USP
14 de fevereiro de 2019 | 04h30

A morte do jornalista Ricardo Boechat, na segunda-feira, ensejou uma manifestação atípica do presidente Jair Bolsonaro. Num pronunciamento exclusivo para o programa *Brasil Urgente*, da Band, ele deu a entender - embora de modo quase imperceptível - que reconhece a função questionadora do jornalismo. Desta vez, as palavras do chefe de Estado foram excepcionalmente respeitosas em relação aos profissionais de imprensa. Eis o que ele disse de Boechat: "Não *(tínhamos)* amizade de tomar cerveja, bater um papo, ir no futebol, *(tínhamos)* uma amizade jornalística, passamos muitos momentos juntos, por vezes *(eu)* sendo obviamente contrariado por ele, na maioria das vezes sendo elogiado. De vez em quando *(Boechat)* falava nos programas dele do apelido 'Jacaré', porque ele gostava de falar, vivia de boca aberta, no bom sentido, e eu botei esse apelido nele".

LEIA TAMBÉM > **JOSÉ SERRA: Menos juros, mais desenvolvimento**

Note-se a expressão "no bom sentido". O presidente aceita que um mediador do debate público, nos microfones do rádio e da televisão, escancare a boca para falar, desde que, claro, "no bom sentido". Note-se, ainda, a proporcionalidade que Bolsonaro encontra entre as ocasiões em que teria sido "contrariado" e as ocasiões em que teria sido "elogiado" por Ricardo Boechat.

Segundo a personalíssima estatística de que ele lança mão, o elogio teria sido mais frequente. Portanto, no raciocínio presidencial, o elogio é o que legitima a crítica. Ou: o elogio seria o pedágio a ser pago para que alguém mereça o direito de criticar.

Dessa passagem se pode vislumbrar um pouco mais da visão que o chefe de Estado tem da imprensa. Em caráter excepcional, ele admite a existência da função de criticar o poder, mas, para ele, essa função não pode ser tolerada incondicionalmente. Em sua visão, o elogio é a regra (posto que mais frequente), enquanto a crítica, desde que enunciada "no bom sentido", há de ser a exceção.

Nos idos de antigamente, nas aulas de Educação Moral e Cívica, durante a ditadura militar, os adolescentes aprendiam que a crítica deveria ser "construtiva". Em boa medida, parece que é nisso que Jair Bolsonaro acredita. Talvez tenha assistido a aulas de Educação Moral e Cívica.

Em regra, suas palavras têm sido mais ácidas em matéria de liberdade de expressão. Têm sido menos polidas. Em recente tuíte ele usou o substantivo "canalhice" para desqualificar um título jornalístico que julgou incorreto. "Canalhice." O que fala, por detrás do substantivo, é a velha lógica dos poderes autoritários: se alguém discorda, não adere e não obedece, esse alguém só pode ter uma doença moral qualquer, um vício de caráter. Logo, só os canalhas não elogiam. Entendeu?

Na crença bolsonárica, o modelo de liderança que dá certo se baseia na credulidade da Nação. Credulidade e alinhamento acrítico. Em lugar da credibilidade da imprensa independente, a credulidade no governo casto, salvador e saneador. As evidências de que essa é a crença que habita a imaginação presidencial são incontáveis, profusas, acachapantes e transbordantes. Vêm desde a campanha, quando o candidato do PSL dirigia infâmias contra órgãos de imprensa como se tentasse

exorcizar a Pátria, livrá-la do Asmodeu chamado dissenso, uma vez que só a concordância pode unir a Nação.

O presidente abomina a ideia de que o debate público supõe mediadores, níveis de representação e abstrações. Em lugar de relatos factuais elaborados pela instância das redações profissionais, anuncia que prefere a "comunicação direta". A imprensa seria um atravessador nefasto, um aparelho opositor, uma usina de versões suspeitas sobre os fatos que, além de mentir reiteradamente, é desnecessária em tempos de tecnologias digitais. O presidente acredita que telefones celulares livrarão a humanidade dessa moléstia chamada jornalismo. Foi o que ele disse, com absoluta desinibição, no discurso de diplomação, no Tribunal Superior Eleitoral, no dia 10 de dezembro do ano passado: "Senhoras e senhores, vivenciamos um novo tempo. As eleições de outubro revelaram uma realidade distinta das práticas do passado. O poder popular não precisa mais de intermediação, as novas tecnologias permitiram uma relação direta entre o eleitor e seus representantes. Nesse novo ambiente a crença na liberdade é a melhor garantia de respeito aos altos ideais que balizam nossa Constituição. Diferenças são inerentes a uma sociedade múltipla e complexa como a nossa, mas jamais devemos nos afastar dos ideais que nos unem: o amor à pátria e o compromisso com a construção de um presente de paz e de futuro mais próspero".

Sejamos francos: quem diz isso não entendeu o lugar do jornalismo numa sociedade "múltipla e complexa". Para quem acredita nisso, uma redação de jornal não serve para nada, quer dizer, só serve para produzir balbúrdia improdutiva. Bolsonaro concorda com Hugo Chávez e Fidel Castro também nisso: "*Pátria o muerte*". E se alguém levantar a mão e disser "ei, eu não amo a pátria, acho que pátria é um constructo ultrapassado, prefiro amar a humanidade", será banido. Para o presidente, "diferenças são inerentes a uma sociedade múltipla e complexa", mas "jamais devemos nos afastar do amor à pátria". Portanto, nenhuma diferença que questione o "amor à pátria" poderá ser tolerada, já que sem "amor à pátria", não haverá "a construção de um presente de paz e de futuro próspero". Entendeu?

Enquanto isso, em Brasília, o Decreto 9.690/2019 delegou à Agência Brasileira de Inteligência (Abin) o poder de estabelecer sigilo total sobre documentos públicos. A Presidência da República ergue mais uma barreira contra a liberdade da imprensa de buscar informações de interesse público para entregá-las ao público. Esta é a crença do presidente: o sigilo ajuda, repórter perturba, Twitter salva. O "futuro próspero" será um futuro sem - ou com menos - imprensa. Ou você ainda não entendeu?

***JORNALISTA, EUGÊNIO BUCCI É PROFESSOR DA ECA-USP**

NOTÍCIAS RELACIONADAS

Leia mais artigos na página de Opinião

Tudo o que sabemos sobre: Ricardo Boechat | Jair Bolsonaro | Abin [Agência Brasileira de Inteligência] | imprensa | jornalismo | ditadura militar Brasil [1964-1985]

Encontrou algum erro? Entre em contato